

Filosofia no Diálogo com o discurso científico da Geografia: Linguagem e Espaço no Zaratustra de Nietzsche.

Ricardo Devides Oliveira
Universidade Estadual Paulista
rdevides@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho, fruto da pesquisa monográfica de bacharelado em Geografia, inserida na área de Epistemologia em Geografia, busca discutir as contribuições filosóficas do pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche para a ciência geográfica, através do estudo da linguagem e do espaço inseridos em sua obra *Assim Falou Zaratustra*. A partir de discussões, leituras e atividades realizadas no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas, esta pesquisa visa abordar a problemática da linguagem geográfica buscando elementos em outras formas e discursos elaboradores do conhecimento humano, principalmente nas relações com a arte e a filosofia.

Tendo como base as considerações de Nietzsche na crítica a linguagem científica, principalmente através de sua obra *“Assim Falou Zaratustra”*, texto metafórico e poético dotado de incrível diversidade lingüística e rico em considerações filosóficas, esta pesquisa visa contribuir com uma visão mais rica e fundamentada nas reais potencialidades e limites dessa linguagem dita científica, de maneira que o olhar geográfico possa contribuir de forma mais efetiva para o entendimento do homem no espaço por ele vivido. Neste sentido, afirmamos a pertinência de se buscar novos referenciais teóricos que possam contribuir para o enriquecimento dos estudos geográficos.

Palavras – chave: Discurso científico – Linguagem - Espaço.

Eixo temático 2: Respuestas teórico-metodológicas de la geografía ante las recientes espacialidades

Introdução

Apresentamos, com fins de publicação nos anais do Encontro de Geógrafos da América Latina, a ser realizado em Abril de 2009 em Montevideu, no Uruguai, o texto completo referente aos primeiros estudos da pesquisa para monografia final do curso de bacharelado de Geografia da FCT/UNESP, de Presidente Prudente, referente ao ano de 2008, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Benito Oliveira Ferraz, pesquisa esta que encontra-se finalizada.

Partindo de atividades e estudos realizados no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas, esta pesquisa tem como principal objetivo abordar a problemática da linguagem geográfica, buscando elementos em outras formas de linguagem e discursos elaboradores e enriquecedores do conhecimento humano, como o artístico e o filosófico.

Partindo de dúvidas e questionamentos sobre as causas da crise do conhecimento racional-científico em relação aos seus vínculos ideológicos e interesses político-

econômicos, que visam perpetuar determinada lógica de uma sociedade pautada nos referenciais economicistas da mercadoria, acabamos por estabelecer contato com o pensamento de Friedrich Nietzsche, filósofo alemão que apresentou em fins do século XIX certas considerações sobre o aspecto filosófico, ético e cultural que identificamos como centrais para se fazer uma análise mais profunda quanto aos perigos do atual projeto de sociedade e do papel do discurso científico nesse projeto.

Tendo como base a contribuição do pensamento de Nietzsche na crítica a linguagem científica, principalmente através de sua obra *“Assim Falou Zaratustra”*, texto artístico/filosófico de forte peso metafórico e poético, dotado de incrível riqueza lingüística e rico em considerações simbólicas, essa pesquisa visa aprofundar uma visão mais fundamentada das análises e idéias que Nietzsche apresenta nesta obra que podem servir para melhor estudarmos as reais potencialidades e limites da linguagem dita científica atualmente hegemônica na geografia institucionalizada.

Esse olhar crítico sobre os limites e potencialidades do discurso geográfico a partir de algumas considerações de Nietzsche em relação ao entendimento do espaço enquanto expressão de uma melhor orientação e localização das relações humanas no mundo, fundamenta-se na redefinição da linguagem como elemento simbolizador e recriador de significados. Em Nietzsche identificamos que o processo de produção de conhecimento espacial do homem em sociedade se articula com a produção de um saber que não se restringe aos elementos meramente conceituais na estruturação de uma linguagem que almeja dizer tudo de forma definitiva e transparente.

A linguagem é obscura, metafórica, recriadora de significados e não há como um discurso, por mais rigoroso e preciso que deseje, escapar desse aspecto artístico da linguagem, principalmente quando aborda as relações humanas, como é o caso do discurso geográfico.

O Discurso racionalista e o Zaratustra

Em nossa experiência como estudantes de geografia, ao longo de quatro anos de formação na licenciatura, entramos em contato com livros, artigos e publicações que buscavam estabelecer uma discussão em torno do discurso científico da Geografia. Assim, foi-nos possível conhecer as perspectivas teóricas e metodológicas de vários geógrafos e pensadores, como Milton Santos, Ruy Moreira, Douglas Santos, dentre outros. Contudo, a problemática dos limites desse discurso em atender sua suposta função de expressar a verdade essencial dos fenômenos e objetos estudados raramente foi abordada.

A partir desta primeira idéia, introduzimos a busca por pensadores que apresentavam discussões em torno dos limites da linguagem e do discurso científico, onde se destacaram os trabalhos de Wittgenstein, Nietzsche e outros menos conhecidos. Após algumas leituras de textos que abordavam esta questão, priorizamos as considerações do filósofo Nietzsche e refletimos sobre a possibilidade e viabilidade de conciliar as idéias deste filósofo com a geografia, condensado em um projeto de pesquisa.

Assim, também levando em consideração a atual crise que envolve o pensamento científico, que não é exclusividade da geografia, em decorrência muitas vezes dos resultados de aplicação desse conhecimento nos processos de controle e administração social, o qual se embasa amplamente na crença da pertinência de uma racionalidade objetiva e absoluta em si, assim como dos vínculos estreitos que a ciência estabeleceu com

os interesses e consolidação do atual sistema econômico, definimos a demanda de uma busca por outros elementos do saber para ampliar o(s) sentido(s) da linguagem científica.

O pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), delimitado no presente estudo a partir de sua obra *Assim Falou Zaratustra* (1883), onde esta se configura como um romance de aspecto poético, no qual o autor, buscando fugir da camisa de força em que a linguagem lógico-racional então circunscrita, desenvolve seu texto utilizando variadas formas de linguagens, pouco requisitadas pela racionalidade científico-filosófica posta, para melhor poder representar suas idéias.

Assim, a opção de Nietzsche advém de características singulares de seu pensamento e da forma como expressa, ou seja, ao questionar os limites da razão instrumental, opta por reavaliar os sentidos dos conceitos rígidos da tradição filosófica ocidental, fazendo de seus textos uma poesia em prosa, sendo uma maneira de dar às palavras um dinamismo de sentidos que o discurso científico hegemonicamente tendia a reduzir em nome da objetividade do conceito em si.

Simplificadamente, *Assim falou Zaratustra* conta a história do sábio persa Zaratustra, que depois de passar anos nas montanhas refletindo, longe de tudo e todos, volta para perto do seres humanos para anunciar a sua filosofia, criticando a sociedade estabelecida. Nesta obra, Nietzsche faz o uso de metáforas, parábolas, figuras e imagens que apresentam as diversas facetas dos valores éticos e estéticos, assim como políticos e ideológicos, da sociedade européia moderna. A linguagem do Zaratustra trabalhada por Nietzsche é também peculiar dentro do conjunto de obras do filósofo. Sobre esta questão, Mário da Silva, em nota de sua tradução de “Assim falou Zaratustra”, esclarece:

“Em Assim Falou Zaratustra, em outras palavras, o pensamento de Nietzsche abandona a prosa propriamente dita, a linguagem da filosofia, destinada tão somente a dar concreção em palavras a representações e conceitos, formulando-os e elucidando-os da melhor maneira, pela forma poética; e expressa idéias, sem dúvida, mas revestindo-as de imagens, tropos, alegorias, parábolas, simbolismos, etc” (1986, pg. 20)

Após estas primeiras considerações, compreendemos que este estudo, condensado em um projeto científico, visa a busca pelo entendimento das potenciais contribuições do discurso científico pautado na lógica formal e metafísica de verdade macro-conceitual em si, identificando seus limites, suas principais problemáticas e, se possível, tecendo considerações que possibilitem um repensar destes elementos perante as atuais necessidades cotidianas do homem e da sociedade.

Este objetivo mais geral será realizado tendo como base o estudo da obra “Assim Falou Zaratustra”, de Nietzsche, para ver sua contribuição à Geografia atual, discutindo seus fundamentos lógico-conceituais em sua relação com a linguagem artística, assim como a construção espacial do “caminho de Zaratustra”, para discutir elementos pertinentes a questão espacial.

Ou seja, para se fazer o percurso de Zaratustra no palco em que se desenvolve a história do livro, destacaremos os aspectos da base física e cartográfica desse caminho, mas o que dará o referencial geográfico ao mesmo será a simbologia dos tipos e histórias narradas. São esses contatos e diálogos estabelecidos que dará o qualificativo geográfico ao espaço percorrido e vivenciado por Zaratustra.

Considerações metodológicas

Para esta pesquisa se efetivar, dividimos o estudo em blocos de leitura, onde o resultado das considerações de cada bloco possibilita a construção de uma base teórica para a leitura de outro bloco. A partir das relações estabelecidas, buscamos considerações, sempre tomando como referência os objetivos da pesquisa.

Portanto, dividimos a leitura da bibliografia da seguinte maneira: Em primeiro lugar, propomos estudos sobre o pensamento geral do filósofo e a particularidade de Zaratustra no conjunto de obras de Nietzsche. O segundo bloco de leitura busca a compreensão dos limites e das características do discurso científico atual, vindo em Nietzsche as principais considerações a respeito desta questão. O último bloco de leitura compreende o estudo de alguns teóricos da geografia que abordam a questão espacial, para depois relacioná-los aos elementos construídos a partir de uma leitura espacial do Zaratustra.

Em relação a metodologia, optamos pela utilização de duas teorias que se aplicam ao estudo e interpretação de obras literárias e filosóficas: Hermenêutica Filosófica de Gadamer, e a Estética da Recepção, de Iser e Gumbrecht. A interpretação hermenêutica possibilita a compreensão de um texto, encadeando um novo discurso a partir do discurso inicial.

Assim, ler é apropriar-se do sentido do texto, o que no caso da leitura do Zaratustra, significará a interpretação sgnica dos referenciais, parábolas e metáforas nietzscheanas. Gadamer, explicando sobre a interpretação hermenêutica, exemplifica com belas palavras a opção e a importância que demos a esta metodologia para a presente pesquisa, onde a hermenêutica visa *“escutar beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios”*. (1998, pg. 18).

A Estética da Recepção considera a literatura enquanto *produção, recepção e comunicação*, elementos que possibilitam uma relação dinâmica entre o autor, a obra estudada e o receptor do texto. A partir desta metodologia, buscaremos o entendimento da dimensão histórica da obra, do autor e sua importância para a discussão de problemáticas que persistem até os dias atuais.

Nossa intenção é usar de um instrumental teórico que nos auxilie na melhor capacitação interpretativa do texto, no caso o Zaratustra, e de seu autor, Nietzsche, como forma de estabelecer um diálogo com os conceitos geográficos que o pensador empregou na sua obra a partir de outros olhares e objetivos.

Essa interpretação e diálogo são os aspectos que permitirão uma maior compreensão de como o sentido espacial poderá ser ampliado em seus significados e usos geográficos a partir das necessidades da realidade atual. Nossa intenção, portanto, não é desvendar o real significado do conceito de espaço geográfico a partir do Zaratustra de Nietzsche, mas de como podemos melhor compreender a este em decorrência da organização lingüística com que o artista/filósofo o trabalhou em sua obra, de maneira que seja pertinente para a atualidade dos estudos geográficos.

Considerações Finais

A partir das primeiras leituras da bibliografia e da obra central *Assim Falou Zaratustra*, foi possível estabelecer um diálogo entre alguns elementos da ciência geográfica e o pensamento do filósofo Nietzsche, mas especificadamente tecendo relações com a linguagem e a questão espacial: duas discussões principais a serem abordadas pela pesquisa. Estes dois elementos se complementam, pois para poder identificar como Nietzsche aponta o sentido de espaço no *Zaratustra*, fez-se necessário adentrarmos na questão da linguagem, buscando entender a forma como Nietzsche entende a filosofia e o pensamento racional pela expressão artística e como o discurso científico da geografia pode enriquecer seus referenciais com este contato.

A obra *Assim Falou Zaratustra* possui uma forma de escrita muito peculiar trabalhada por Nietzsche. Para a professora Scarlett Marton, Nietzsche “*agencia um conteúdo filosófico e uma forma literária, que se mostram indissociáveis*” (2007, pg 20). Buscando fugir da camisa de força da linguagem científica rígida, Assim Falou Zaratustra foi escrito de forma poética, como uma poesia em prosa. Marton (2007) trabalha a idéia de que a obra “*é tributária do Novo Testamento e dos dramas musicais de Wagner*”, ou seja, o texto escrito foi pensado como uma analogia à forma de escrita da Bíblia Sagrada Cristã e inspirado nos concertos de Wagner, apresentando uma linguagem metafórica repleta de cantos, figuras de linguagem e com a presença de parábolas.

Buscamos trabalhar a questão espacial construindo o caminho de Zaratustra, desenvolvendo uma espécie de mapa: Zaratustra vai para as montanhas e fica anos por lá refletindo, em contato com a natureza e os animais. Após sentir-se preparado cognitivamente, Zaratustra desce da montanha e caminha até as primeiras cidades, anunciando sua filosofia e tomando contato com o ambiente da cidade e as características de seus habitantes. Os animais e as paisagens com que Zaratustra interage são representações de seu pensamento, desenvolvidas a partir de uma necessidade de construir uma identidade de si no seu espaço vivido.

Zaratustra habita uma *caverna*, que compreende o local de repouso do ser. Seus animais, a *serpente* e a *águia*, podem ser interpretados como a força e a capacidade de ver longe, respectivamente. Quando Zaratustra desce da montanha e vai até a cidade, a *praça pública* retratada no livro compreende o local onde se manifestam os males do mundo e os obstáculos da vida. Estes elementos são representações de um modo de olhar o espaço e repensar a sua construção em que a racionalidade cientificista demonstra seus limites enquanto projeto de harmonização das relações pois é fruto da anulação do sujeito e sua individualidade crítica.

Essa busca pela identidade com o mundo é a própria necessidade de dar sentido existencial e perceber onde está e para onde vai, ou seja, elaborar o sentido mais profundo de orientação e localização espacial do ser no mundo. Zaratustra vai estabelecendo estas relações com os personagens e com as representações paisagísticas da obra, como cidades, montanhas, praças, florestas, vales e planícies, mas esses elementos são simbologias a expressarem a diversidade imagética que envolvem a todos os seres humanos, tolhendo-os de sua capacidade de ver o contexto, o conjunto paisagístico que delimitaria as características determinantes do território percorrido. Falta a perspectiva do alto, da montanha e da águia de Zaratustra. Em determinados momentos da obra, ele mesmo se encontra mergulhado em miríades de detalhes, objetos e fenômenos, quase a derrotá-lo, fazendo esquecer de seus objetivos e ideais.

Assim, caminha de cidade para cidade e por onde passa, conversa com personagens das mais diversas índoles, discutindo sobre sua filosofia e tomando conhecimento da forma

de pensar dos outros seres humanos, ou das outras facetas de sua pessoa. Dentre esses personagens representativos, podemos citar: o saltimbanco, o aleijado, o feiticeiro, etc. Depois de um determinado tempo, Zaratustra volta para sua montanha e promove uma grande reunião de celebração da vida com os viajantes que conheceu e com os animais que habitavam sua caverna.

A partir desta pequena construção espacial do Zaratustra, buscamos identificar os elementos espaciais que possam contribuir para o enriquecimento e a qualidade da ciência geográfica, construindo idéias em torno da importância de se trabalhar elementos artísticos e estéticos no desenvolvimento de trabalhos e pesquisas pertinentes à problemática do espaço. Os elementos artísticos e filosóficos apresentam uma diversidade de significados que retratam de diversas formas a vivência do ser humano em seu planeta, em sua cidade e mesmo em seu caminhar dia-a-dia, ou seja, a relação espacial é estabelecida na forma como o indivíduo “olha” seu espaço a ser construído, e neste aspecto a geografia, ciência caracterizada pelo estudo do espaço, adquire importância no redimensionamento de seu leque discursivo, englobando em seu arcabouço teórico a diversidade presente na arte e na filosofia.

Referências Bibliográficas

ANTÔNIO, Marco C. N. **Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo.** *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, USP, vol. 10, pg 27-47, 2001.

BENHABIB, Seyla: *A Crítica da Razão Instrumental*; in: Zizek, Slavoj: Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro; Contraponto, 1996.

BOYER, Alan (et al.): *Por que não Somos Nietzscheanos*. São Paulo; Ensaio, 1994.

BRAGA, Paula. **A linguagem em Nietzsche: As palavras e os pensamentos**, *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, USP, vol. 14, 2003.

FERRAZ, Cláudio Benito O.: *Geografia e Paisagem: entre o olhar e o pensar*. FFLCH/USP, 2001; São Paulo, 2001. (Tese, Doutorado em Geografia).

FORNAZARI, Sandro Kobol: **O corpo-escritura em Nietzsche**. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, USP, vol. 11, pg 7-12, 2001.

DOLLFUS, Olivier: **O Espaço Geográfico**. São Paulo; DIFEL, 1982.

GADAMER, Hans-Georg: *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*; Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HARTSHORNE, Richard: *Propósitos e Natureza da Geografia*. São Paulo; HUCITEC/EDUSP, 1978.

HAYAKAWA, S. I.: **O que Significa estrutura Aristotélica da Linguagem?**; in: Campos, Haroldo (org.): *Ideograma – lógica, poesia, linguagem*. São Paulo; Cultrix, 1986.

HOLZER, Werther: **A Geografia Humanista – uma revisão**; in: *Espaço e Cultura*, n. 3. Rio de Janeiro; NEPEC / UERJ, Dezembro, 1996.

HORGAN, John: ***o Fim da Ciência – uma discussão sobre os limites do conhecimento científico***. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

JAMESON, Fredric: ***Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio***. São Paulo, Ática, 1996.

LACOSTE, Yves. ***A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra***. Campinas, Papirus, 1997.

ISER, Wolfgang: ***O Ato da Leitura***; São Paulo: Editora 34, 1999.

LEFEBVRE, Henri: ***Nietzsche***. México; Fondo de Cultura Económica, 1987.

MACHADO, Roberto: **Arte e Filosofia no “Zaratustra” de Nietzsche**; in: Novaes, Adauto (org.): *Artepensamento*. São Paulo; Companhia das Letras, 1994.

MARTINS, Elvio R.: **Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico**. São Paulo; FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1996.

MOREIRA, RUY: **A Geografia serve para desvendar máscaras sociais (ou para repensar a geografia)**, *Revista Cosmus*. São Paulo, pg. 42 – 58, Julho, 2007.

MOREIRA, Ruy: ***O Círculo e a Espiral – a crise paradigmática do mundo moderno***. Rio de Janeiro; Obra Aberta/Cooautor, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. ***Assim Falou Zaratustra***; São Paulo. Editora Martin Claret, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. ***Obras Incompletas*** (Os pensadores). São Paulo, Nova Cultura; 5^o edição, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. ***A Gaia Ciência***. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

RIBAS, Alexandre (et alli): **Marxismo e Geografia – paisagem e espaço geográfico; uma contribuição para o entendimento da sociedade contemporânea**; in: *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 21. Presidente Prudente; AGB, 1999.

SANTOS, Douglas: ***O Espaço: diálogos em torno da construção de um conceito***. São Paulo; PUC, Tese de Doutorado, 1997.

SANTOS, Milton: ***A Natureza do Espaço – técnica e tempo / razão e emoção***. São Paulo; HUCITEC, 1997.

SCARLLET, Marton: **Nietzsche e a celebração da vida: a interpretação de Jörg Salaquarda**. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, USP, vol. 22, 2007.

BURKE, Peter & PORTER, Roy: *Linguagem, Indivíduo e Sociedade*. São Paulo; Editora da UNESP, 1993.

CORRÊA Roberto L.: **Espaço – um conceito chave da geografia**; in: Castro, Iná E. C. & Gomes, Paulo C. C & Corrêa, Roberto L.: *Geografia – conceitos e temas*. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1995.